

O culto às relíquias e os milagres atribuídos a Roque González, “mártir” e “herói” de Caaró

Paulo Rogério Melo de Oliveira¹

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v16i47.70370>

Resumo: O artigo investiga a veneração dos restos mortais e os milagres creditados à intervenção do padre Roque González, missionário jesuíta “martirizado” em 1628, na redução de Caaró. Os primeiros milagres teriam ocorrido logo após a morte do missionário e, segundo as narrativas jesuíticas, testemunhado por vários guaranis. No século XX, depois da beatificação, em 1934, curas milagrosas reconhecidas pela igreja foram registradas na Argentina e no Rio Grande do Sul. A pesquisa é qualitativa, com o emprego das técnicas bibliográfica e documental. Interpretamos os primeiros “milagres” ocorridos no século XVII como expressões do ambiente de intenso apelo ao sobrenatural estimulado pelos missionários nas reduções, e as curas milagrosas como manifestações da devoção popular às celebrações do tricentenário do martírio e à beatificação, na primeira metade do século XX.

Palavras-chave: Roque González, jesuítas, relíquias, milagres, Companhia de Jesus.

The cult to the relics and miracles attributed to Roque González, “martyr” and “hero” of Caaró

Abstract: The article investigates the veneration of the remains and the famous miracles credited to the intervention of Father Roque González, a Jesuit missionary “martyred” in 1628 in the reduction of Caaró. According to Jesuit narratives, the first miracles would have occurred soon after the missionary's death and were witnessed by several Guaraní. In the 20th century, after his beatification in 1934, miraculous healings recognized by the church were recorded in Argentina and Rio Grande do Sul. The research is qualitative, using bibliographic and documental techniques. We interpret the first “miracles” that occurred in the 16th century as expressions of the intense appeal to the supernatural

¹ Doutor em História e professor dos programas de Pós-graduação em Administração (PPGA) e Educação (PPGE) e dos cursos de Graduação em História e Relações Internacionais da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). E-mail: paulo_rmo@univali.br

stimulated by the missionaries in the reductions, and the miraculous cures as manifestations of popular devotion to the celebrations of the three-hundredth anniversary of martyrdom and beatification in the first half of the 20th century.

Keywords: Roque González, relics, jesuits, miracles, Society of Jesus.

El culto de las reliquias y los milagros atribuidos a Roque González, “mártir” y “héroe” de Caaró

Resumen: El artículo investiga la veneración de los restos mortales y los milagros atribuidos a la intervención del padre Roque González, misionero jesuita "martirizado" en 1628, en la reducción de Caaró. Los primeros milagros habrían ocurrido poco después de la muerte del misionero y, según relatos jesuitas, presenciados por varios guaraníes. En el siglo XX, después de la beatificación en 1934, se registraron curaciones milagrosas reconocidas por la iglesia en Argentina y Río Grande do Sul. La investigación es cualitativa, con el uso de técnicas bibliográficas y documentales. Interpretamos los primeros "milagros" ocurridos en el siglo XVII como expresiones del ambiente de intensa apelación a lo sobrenatural estimulado por los misioneros en las reducciones, y las curaciones milagrosas como manifestaciones de devoción popular a las celebraciones del tricentenario del martirio y la beatificación, en la primera mitad del siglo XX.

Palabras clave: Roque González, jesuitas, reliquias, milagros, Compañía de Jesús.

Recebido em 15/11/2023 - Aprovado em 25/12/2023

Introdução

Roque González de Santa Cruz foi um jesuíta missionário *criollo*, nascido em Assunção, morto em 1628, ao lado dos padres Alonso Rodriguez e Juan del Castillo. As mortes foram tramadas por um pajé e cacique principal chamado Ñezú, para defender o modo de vida guarani ameaçado pela presença dos missionários. As mortes foram ritualizadas e padre Roque teve o coração arrancado do peito, flechado e queimado. Alguns indígenas que presenciaram os acontecimentos, de acordo com narrativas jesuíticas, teriam ouvido o coração falar ternamente aos seus matadores (OLIVEIRA, 2011).

Roque foi canonizado em 1988 por João Paulo II e hoje é cultuado e celebrado como santo milagreiro na região missioneira do Rio Grande do Sul, na Argentina, no Uruguai e no Paraguai, onde atuou como missionário entre os guaranis no começo do século XVII. De acordo com as cartas e crônicas jesuíticas, seu coração permaneceu intacto e foi conservado como relíquia. Embora seus companheiros tenham dado entrada

ao processo de canonização alguns meses após a morte, padre Roque só foi beatificado 306 anos depois, em 1934. Dois anos depois foi erguido um Santuário em sua homenagem, em Caaró, na cidade de Caibaté, no noroeste do Rio Grande do Sul, onde supostamente teria ocorrido o “martírio” (OLIVEIRA, 2010)². Entre 1928, data do tricentenário da morte do padre Roque, intensamente celebrada pelos seus devotos e admiradores, e de retomada do processo de beatificação, e 1934, criou-se na região um ambiente de intenso fervor religioso. O coração, até então hospedado em Roma, retornou a região missioneira, foi levado em procissão por várias cidades e recebido com comoção e devoção pelos fiéis.

Descrito como “mártir” e “herói” pelos seus companheiros de fé, Roque não era uma figura popular e milagrosa até 1928. A demora e a paralização do processo de beatificação no vaticano esfriaram a comoção popular que se seguiu ao “martírio”, e padre Roque caiu no esquecimento. Trezentos anos depois, os festejos, a intensa publicidade e a mobilização em prol da retomada da causa da beatificação e do retorno do coração, criaram um ambiente favorável à emergência de uma devoção popular e à ocorrência de vários milagres.

O artigo investiga e contextualiza o culto tardio às relíquias e os milagres atribuídos ao padre Roque González na Argentina e na região do Rio Grande do Sul, onde as celebrações do tricentenário foram mais intensas e as curas milagrosas mais frequentes. Num primeiro momento, retornamos ao século XVII, quando, logo depois da morte e da coleta das relíquias, vários acontecimentos descritos pelos jesuítas como milagrosos foram registrados e usados para dar início ao processo de canonização. Num segundo momento, miramos o século XX, principalmente as décadas de 1920 e 1940, quando diversas curas milagrosas foram associadas a intervenção do Beato Roque. Os milagres foram registrados em épocas muito distantes e diferentes, e com trezentos anos de intervalo. Sugerimos que a habilidosa intervenção dos jesuítas, motivada por interesses específicos de cada momento, tenha sido decisiva para o culto às relíquias, à ocorrência

² O local do “martírio” foi identificado entre 1933 e 1934 pelo historiador e jesuíta Gonzaga Jaeger, a partir de algumas pistas, bastante questionáveis, indicadas por um fazendeiro da região. Depois de algumas escavações e da descoberta de alguns indícios, Jaeger atestou que o lugar teria sido a antiga redução de Caaró, fundada pelo padre Roque em 1628. Iniciou-se então a construção do santuário, umas das muitas exigências para a canonização. Desde 1936, depois da construção da igreja e da autorização oficial para o culto, o santuário de Caaró tornou-se uma referência na região para peregrinos e fiéis. A romaria de Caaró, que acontece anualmente desde a fundação do Santuário, reúne atualmente milhares de fiéis todos os anos, de várias partes do Brasil e da América do Sul, que agradecem as graças alcançadas e pedem pela intercessão do santo. Mais recentemente, depois da canonização, tornou-se também um lugar bastante procurado por turistas de todo o Brasil, do Paraguai, da Argentina e do Uruguai. (OLIVEIRA, 2010).

de acontecimentos milagrosos, à emergência de uma devoção popular e às curas milagrosas no século XX, até então inexistentes.

A gestão das relíquias da Companhia de Jesus

Nos meses que se seguiram às mortes dos missionários, os jesuítas que atuavam no Paraguai registraram os acontecimentos em cartas enviadas à Europa³ e protocolaram no Vaticano o pedido de canonização do padre Roque. Depois de uma longa espera, padre Roque foi beatificado em 1934 e, finalmente, em 1988, foi canonizado por João Paulo II (OLIVEIRA, 2010). Padre Roque seguiu o caminho de outros jesuítas como Francisco Xavier que, segundo as narrativas jesuíticas, não mediram esforços na tarefa missionária e encontraram a morte nas mãos dos inimigos da fé ou das circunstâncias adversas. A Companhia era hábil na gestão e valorização da morte dos seus “heróis” e em criar um memorial do passado missionário através da beatificação e canonização dos seus “mártires”. Numa mistura de “devoção fervorosa e propaganda suntuosa, os jesuítas demonstravam uma engenhosa prática de fabricar mitos” (WRIGHT, 2006. p. 16). Em um ou dois séculos de existência a Companhia já exibia uma admirável legião de santos e mártires que assegurava uma reputação institucional e uma respeitável retaguarda contra os numerosos e dedicados inimigos. Francisco Xavier, Jean François Régis, Roque González, e tantos outros, fizeram muito em vida pela Companhia, levando o ideal missionário aos mais distantes cantos do mundo, mas é no pós-morte, elevados à condição de santos, que prestarão os maiores serviços. Os restos mortais dos padres, tornados relíquias milagrosas, e o exemplo que deixaram às gerações de jesuítas, contribuíram decisivamente para a imagem externa e unidade interna da ordem. O cortejo prolongado e a trajetória do corpo de Francisco Xavier são exemplos impressionantes da maneira como a Companhia explorava habilmente a morte dos jesuítas. Quinze meses depois de sua morte na ilha de Sancian, na costa da China, o corpo de Xavier chegava a Goa. Imediatamente começaram a correr rumores sobre um milagre: o corpo ainda sangrava e não apresentava sinal algum de putrefação.⁴ A notícia espalhou-se pelo mundo católico. Diversas comunidades passaram a reclamar uma parte do corpo milagroso. Por ordem do Superior Geral Cláudio Acquaviva, o antebraço direito foi retirado e enviado a Roma. Alguns anos depois o que sobrou do antebraço foi

³ As cartas/relatórios foram escritas pelos padres Diego de Boroa, Pedro Romero, Vázquez Trujillo e Juan Bautista Ferrufino, e enviadas aos seus superiores na Euorora e ao rei Filipe III de Espanha (Blanco, 1929).

⁴ A incorruptibilidade do corpo de Xavier era vista como um sinal da graça divina. O contrário, a putrefação acelerada, era o que Deus impunha aos maus elementos, pelo menos no dizer de um

repartido em três partes e enviado a Macau, Cochim e Málaca. Os órgãos internos também foram removidos e enviados para várias partes do mundo como relíquias. No século seguinte, na Europa Central, a “Água de Xavier”, utilizada para banhar relíquias e medalhas do santo, transformou-se num poderoso remédio “para febres, pés claudicantes e problemas de visão.” (WRIGHT, 2006, p. 11-14).

O culto dos restos mortais de pessoas célebres, tornados relíquias, não nasceu com o cristianismo. Plutarco registrou um culto bem mais antigo na Grécia dos tempos heroicos. Mas é na Europa católica, a partir do culto dos restos mortais dos primeiros mártires, que as relíquias vão desempenhar um papel fundamental na liturgia e na devoção dos fiéis (KARNAL, 1998, p. 156). As relíquias mais preciosas eram os restos físicos dos santos. Em todas as cidades e igrejas havia relíquias para proteger e curar as enfermidades. Veneradas nos altares, em romarias ou procissões, o seu culto atravessou toda a Idade Média.

No contexto da descoberta e conquista das Américas, o tema das relíquias tomou um novo vulto diante das reformas protestantes que promoveram em toda a Europa uma onda de ataque e destruição dos restos dos santos conservados e venerados.⁵ Escandalizados com o culto aos restos de cadáveres que se multiplicavam à maravilha, os protestantes acusavam os católicos de idolatria, afirmando que a veneração às relíquias era superstição, e não uma manifestação da verdadeira fé.⁶ O repúdio protestante às relíquias, em nome de uma igreja sem objetos de mediação entre Deus e os fiéis, provocou entre os católicos um apego ainda mais fervoroso ao culto aos santos. Do ponto de vista institucional, a resposta veio na revigoração enfática do culto às relíquias no Concílio de Trento. Na sessão XXV, no capítulo dedicado à invocação e veneração dos santos, das imagens e das relíquias, “manda o santo Concílio”:

Que também os santos corpos dos Santos Martyres, e de outros que vivem com Christo, que foram membros vivos de Christo, e templo do Espírito Santo (...) devem ser venerados pelos Fiéis; e assim os que afirmarem, que se não deve veneração, e honra as Relíquias dos santos, e que eles,

católico, que se comprazia em dizer que o corpo de Lutero rapidamente começou a exalar “um odor tão horrível e abominável” (WRIGHT, 2006, p. 15).

⁵ Em 1527, uma milícia antipapista comandada por Carlos V pilhou Roma, profanou túmulos e despojou os corpos de seus adornos e roupas. Seguiu-se à invasão um massacre de 500 pessoas e a queima e destruição de relíquias (CYMBALISTA, 2006).

⁶ Lutero desaprovou, por exemplo, a coleção de 17. 413 relíquias guardadas na igreja do palácio de Frederico, em Wittenberg, “capazes de produzir 128, 000 anos de indulgência” (DELUMEAU, 1989, p. 89).

e outros sagrados monumentos são inutilmente honrados pelos Fiéis, e que debalde visitam a memória dos Santos (...) devem ser infalivelmente condenados (CONCÍLIO DE TRENTO, 1781, P. 349).

O reforço da veneração das relíquias em Trento coincidiu com o início das missões da Companhia pelo mundo e a evangelização nas Américas. As relíquias acompanharam a expansão da fé e espalharam-se pelo mundo. A ampliação do território cristão e a multiplicação dos locais de culto exigiram também a propagação das relíquias. Isso foi possível graças à possibilidade de multiplicar, transportar e distribuir os restos dos santos, e a crença de que a integralidade do santo estava presente nas suas partes, mesmo nas menores. Uma infinidade de artefatos sagrados foi produzida a partir do desmembramento e da fragmentação dos corpos dos santos - ossos, cabelos, unhas, sangue, lágrimas -, dos objetos que foram utilizados nos martírios - pregos, lanças, flechas, cruzes - e das chamadas “relíquias de contato”, isto é, restos das roupas dos santos, terra das sepulturas, lençóis e outros artefatos que estiveram em contato com os corpos dos santos (CYMBALISTA, 2006).

O inesgotável relicário de Xavier espalhou-se pelo mundo acompanhando o avanço das missões e chegou também à América do Sul.⁷ Padre Ripário, que vinha da Itália para o Paraguai, carregava uma pequena lembrança milagrosa do santo. Francisco Lupercio de Zurbano, Provincial do Paraguai, nos conta que Ripário:

Era también muy devoto de San Francisco Javier. Tenía un pequeño relicario de este Santo, del cual se sirvió en circunstancias muy azarosas. Al venir a América con la expedición de misioneros nuevos, los sorprendió en la mar una gran tempestad. Bajó el relicario con una cuerda hasta

⁷ A autenticidade ou não das relíquias não chegou a ser um problema nos séculos XVI e XVII. Artefatos sagrados, ossos e roupas dos santos e espinhos da coroa de Jesus circulavam em grande quantidade pela Europa e espalhavam-se pelo mundo acompanhando a expansão territorial e religiosa do cristianismo. A expressão mágica do catolicismo, como observou Leandro Karnal, ainda não havia passado pelo empirismo crítico. Os protestantes, no entanto, não resistiam ao escândalo da multiplicação das relíquias. James Pilkington, bispo elisabetano, zombando da “matemática da indústria das relíquias”, dizia que “se as relíquias, como braços, cabeças, pernas, couro cabeludo, cabelos, dentes, etc., adoradas em lugares diferentes, fossem reunidas num único lugar, alguns corpos teriam duas ou três cabeças e mais pernas e braços do que um cavalo seria capaz de carregar.” Calvino ironizou o culto ao corpo inteiro de São Sebastião simultaneamente em Roma, Soissons, Narbonne ou Poligny (KARNAL, 1998, p. 157 e WRIGHT, 2006, p. 14).

tocar con las olas, con gran confianza en la intercesión de San Javier. Y en realidad, se aplacó la tempestad y se sosegaron las olas (MAEDER, 1984, p. 58-59).⁸

Na primeira Instrução para os padres que se dirigiam ao Guairá, padre Torres recomendou colocar em todas as igrejas “uma relíquia com a melhor decência possível, ficando ela ali para ser levada aos enfermos” (RABUSKE, 1978, p. 23). Os missionários levavam consigo estes “repositórios portáteis” da memória e da devoção católica para consagrar as novas fundações e colocá-las sob sua proteção. A mobilidade e a sacralidade das relíquias permitiam a “duplicidade do território cristão na América” (CYMBALISTA, 2006).

À medida que os religiosos foram adentrando os territórios indígenas e se deparando com a oposição de caciques e pajés, a América também começou a produzir suas próprias relíquias. Os restos mortais dos missionários “martirizados” eram recolhidos e venerados pelos seus companheiros. A mais famosa relíquia do Paraguai colonial é o coração do Santo Roque. Predicando em terras indígenas, nas proximidades do rio Pirapó, hoje noroeste do Rio Grande do Sul, Roque foi morto ritualmente. Foi abatido com golpes de *itaizá* na cabeça e despido de suas vestes litúrgicas. O corpo foi queimado e o coração arrancado do peito e trespassado por uma flecha. Segundo os relatos dos seus companheiros, o coração milagrosamente sobreviveu ao fogo, foi recolhido ainda intacto e posteriormente enviado à Roma (OLIVEIRA, 2011).

Depois de longa peregrinação, da América do Sul à Roma e de volta à América, o coração tornou-se objeto de adoração e devoção. Diferentemente do que aconteceu com o corpo de Xavier, os restos do padre Roque não foram desmembrados ou multiplicados. Isso talvez se explique pelo fato da beatificação, que autoriza o culto, ter ocorrido somente no século XX. O coração passou pelo reconhecimento de autoridades religiosas no século XVII e foi dado como autêntico (BLANCO, 1929). No século XX, sob novas circunstâncias e exigências, foi avaliado por um médico cirurgião que deu parecer científico sobre a relíquia. Depois da beatificação o coração “começou a ser solicitado em muitos lugares” (BLANCO, 1929). Diversas cidades do Rio Grande do Sul, Argentina e Paraguai foram percorridas pela relíquia, sempre acompanhada de grandes demonstrações de fé. Em 1940 o cortejo passou por diversos lugares no Rio Grande do

⁸ Padre Ripário era italiano e estava na Companhia há 11 anos. Foi “martirizado” em 1639, no Chaco, junto com o padre Osório, numa revolta dos chiriguano. Enfurecidos, os índios cortaram as cabeças dos padres e levaram suas roupas (MAEDER, 1984, p. 56-57).

Sul, inclusive Caaró e Serro Azul, onde o marido de Maria Catarina Stein, sobre quem falaremos mais adiante, ajoelhou-se diante do coração e pediu pela saúde da esposa.⁹

Junto com o coração, outras relíquias também foram resgatadas no local do “martírio” do padre Roque e seus companheiros. Depois do castigo que receberam os envolvidos nas mortes dos padres¹⁰, conta-nos Techo, Diego de Boroa levou para Concepción as relíquias dos “mártires”. Contou com a ajuda de índios e soldados que se revezaram no traslado dos ossos, restos de roupas, os corpos mutilados e os instrumentos usados para matar os padres (TECHO, Libro octavo, Capítulo XXXIII). Não apenas os restos dos corpos dos santos são considerados relíquias, as roupas e os instrumentos de tortura e “martírio” também são venerados (WOODWARD, 1992, p. 58). Vázques Trujillo registrou o cuidado com que os índios de Candelária, em meio a uma encarniçada batalha contra os “infieis”, juntaram as relíquias de cada um dos padres, como se fosse um “tesoro”, e as levaram para a redução (BLANCO, 1929, p. 496).

Tudo o que sabemos sobre a morte e os restos mortais, conservados e venerados como relíquias pelos seus companheiros de fé, vêm das narrativas jesuíticas produzidas entre os séculos XVII e XX. Não temos informações de outras procedências. Os casos de curas milagrosas no século XX, abordados mais adiante, também foram retirados de narrativas jesuíticas. Pelas implicações retóricas e institucionais, pelas motivações religiosas e os juízos etnocêntricos que atravessam estas narrativas, impõe-se um tratamento metodológico específico que considere as circunstâncias de produção e circulação e a importância desta documentação para a Companhia de Jesus. Historiadores jesuítas e simpatizantes sempre louvaram o caráter insuspeito dos documentos produzidos pelos padres. José Maria Blanco, nome importante da historiografia jesuítica do século XX e membro ativo da luta em prol da beatificação de Roque González, é um dos melhores exemplos da devoção jesuítica pelo documento e da crença na sua objetividade. A História Documentada, publica por Blanco em 1929, às vésperas da beatificação do padre Roque, é exemplar do modelo de historiador que entende que “os documentos se impõem por si próprios.” Blanco utilizou os documentos jesuíticos como prova/testemunho da verdade histórica por ele revelada. Em nenhum momento questionou os documentos referentes à vida e à morte de Roque ou interrogou-os sobre as intenções ou as condições de produção (OLIVEIRA, 2010).

⁹ A jornada missionária do coração pelo Rio Grande do Sul se repetiu em 1973, em 1978, em 1992 e em 1998. Em todas as ocasiões, segundo o padre Kreutz, o coração foi acolhido em clima de verdadeira apoteose e profunda veneração popular (KREUTZ, 2001, p. 66-67).

¹⁰ Sobre as investigações, as prisões e os castigos/penas recebidos pelos acusados de matar os missionários, ver (OLIVEIRA, 2010).

Le Goff observou que no século XIX e início do século XX, o documento era visto pelos historiadores metódicos e positivistas como “o fundamento do facto histórico”, ainda que resultasse “da escolha, de uma decisão do historiador.” Verificada a autenticidade do documento, ele convertia-se em prova histórica confiável (p. 95-96). Padre Blanco afinava neste mesmo diapasão.

Propomos, como premissa metodológica, desconfiar da boa-fé depositada nos documentos e inverter esta perspectiva. Michel Foucault, no final da década de 1960, já havia detectado as mutações da percepção e da posição dos historiadores em relação aos documentos. Se a história, “em sua forma tradicional, se dispunha a memorizar os monumentos do passado” transformando-os em documentos, “a história em nossos dias é a que transforma os documentos em monumentos.”¹¹ Tomar o documento como monumento é submetê-lo, nos termos de Foucault, a uma crítica arqueológica que nos permita uma análise interna do documento a fim de explicitar a teia de saberes que o constituem, e os poderes que o sustentam.

A noção de documento/monumento desenvolvida por Jacques Le Goff embasa o diálogo que estabelecemos com as fontes jesuíticas. Compartilhando da visão de Foucault, Le Goff radicalizou o “dever principal” do historiador de fazer a “crítica do documento enquanto monumento.”¹² Considerado desta maneira, o documento deixa de ser visto como “qualquer coisa que fica por conta do passado” e passa a ser encarado como um “produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder.” (FOUCAULT, 1987, P. 102). O documento é monumento pois “resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro, voluntária ou involuntariamente, determinada imagem de si próprias.” Daí a necessidade de “analisar as

¹¹ Foucault percebeu que, “por uma mutação que não data de hoje, mas que, sem dúvida, ainda não se concluiu, a história mudou sua posição acerca do documento: ela o organiza, recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações. O documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstruir o que os homens fizeram ou disseram, o que é o passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações.” Tentando implodir com a imagem da história como simples memorização do passado milenar através dos documentos, Foucault, contundente, sustenta que o “documento não é o feliz instrumento de uma história que seria em si mesma, e de pleno direito, *memória*; a história é, para uma sociedade, uma certa maneira de dar *status* e elaboração à massa documental de que ela não se separa.” (FOUCAULT, 1987. pp. 3-20).

¹² Le Goff, explora a origem latina da palavra monumento – *monumentum* – e os seus significados associados à memória. “O verbo *monere* significa ‘fazer recordar’, donde ‘avisar’, ‘iluminar’, ‘instruir’. O *monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os actos escritos (LE GOFF, 1996. p. 95.

condições de produção dos documentos-monumentos.” No limite, não existem documentos inocentes, inócuos ou objetivos, como pretendiam os historiadores tradicionais e os jesuítas.¹³ Todo documento é monumento na medida em que supõe uma intencionalidade, encerra determinadas relações de poder e projeta para o futuro uma imagem desejada de alguém, de uma instituição, de um acontecimento, ainda que involuntariamente. O sentido comum atribuído à palavra monumento vem carregada desta intencionalidade, de uma “construção destinada a transmitir à posteridade a memória de fato ou pessoa notável” (DICIONÁRIO AURÉLIO, 2005). O binômio documento/monumento chama a atenção exatamente para este sentido de construção, ou de montagem como diz Le Goff. Esta orientação metodológica informa a maneira como entendemos as narrativas jesuíticas.

Utilizamos a documentação e a historiografia da Companhia de Jesus, quase sempre as únicas existentes sobre o tema, cientes de suas implicações e intencionalidades. São documentos institucionais produzidos para atender às exigências da ordem inaciana e servir à causa de santificação do padre Roque.

Os milagres de Roque González

Roque González não foi agraciado pela santidade durante a vida. Dedicou-se de corpo e alma à fundação de reduções e à conversão dos indígenas e foi morto no exercício missionário, mas nada de extraordinário foi registrado em vida¹⁴. Sua carreira

¹³ O epíteto “tradicional” aqui empregado não carrega nenhuma carga depreciativa ou desqualificadora. O emprego que faço visa estabelecer uma diferenciação entre posturas metodológicas e orientações epistemológicas. Esta diferenciação comporta também uma crítica historiográfica. Tradicionais são aqueles historiadores que partilhavam de uma concepção de história oriunda do século XIX, que expressavam comprometimento com a verdade histórica, com a objetividade e entendiam que os documentos escritos continham em si a história.

¹⁴ As narrativas produzidas depois da morte, do século XVII ao século XX, são bastante seletivas. Alguns episódios da vida do padre Roque são muito valorizados, ao passo que outros são obliterados. As informações que podiam depor contra a “fama de santidade” foram esquecidas ou desabonadas. Roque González, por exemplo, não tinha muita paciência com os novatos, e custava-lhe ensinar-lhes a língua dos índios. As queixas dos companheiros chegaram aos ouvidos do padre Geral Mucio Vitelleschi, que escreveu ao padre Provincial exigindo uma advertência ao missionário. Esta passagem foi cuidadosamente removida das hagiografias. As únicas exceções foram os padres José María Blanco e Gonzaga Jaeger, que não omitiram este detalhe sombrio da personalidade de Roque. O episódio, no entanto, foi citado como uma estranha e injustificável mancha na sua ilibada reputação. Blanco declarou-se admirado, para não dizer indignado, com as “admonestaciones” do padre geral feitas ao padre Roque. Disse não encontrar em toda a documentação um único resquício que justificasse jogar na cara (“echársele en cara esos defectos”) do virtuoso missionário estes defeitos. Blanco questionou a veracidade das queixas e o exagero da advertência (OLIVEIRA, 2015).

póstuma, no entanto, de acordo com os seus hagiógrafos, é pontilhada de casos extraordinários envolvendo curas e graças alcançadas. Como apontam as narrativas jesuíticas, os casos começaram a aparecer no instante seguinte à sua morte. A investigação sobre os casos, iniciada pela Companhia de Jesus logo após o “martírio”, resultou num conjunto de cartas escritas nos dias e meses que se seguiram, para informar aos superiores, na América e na Europa, sobre o ocorrido. A Companhia de Jesus instaurou também um processo para ouvir as testemunhas oculares e apurar a causa e os responsáveis pelas mortes dos padres, que resultou numa vasta documentação¹⁵.

No século XX foram compostas diversas hagiografias, que ressaltavam a santidade e os milagres do padre Roque (OLIVEIRA, 2015). Todo este material teve como finalidade o reconhecimento da santidade e a canonização. Portanto, as fontes de que dispomos são narrativas epistolares e hagiográficas profundamente comprometidas com a postulação da causa de santificação em Roma.

As primeiras manifestações, ou os ditos “milagres”, teriam ocorrido logo após sua morte. Gonzaga Jaeger¹⁶, com seu entusiasmo peculiar, chamou estas primeiras “manifestações sobrenaturais” de “a quádrupla maravilha”. A primeira “maravilha” foi o coração que falou aos matadores e, mesmo depois de queimado e trespassado por uma flecha, manteve-se conservado, “em perfeito estado”, apesar de “dessecado” (JAEGER, 1940, p. 335). Indígenas que testemunharam a morte, e prestaram depoimentos aos superiores do padre Roque, disseram ter ouvido o coração falar: “hábeis muerto a quien os amaba y queria, pero mi cuerpo solo hábeis muerto, que mi alma está en el cielo y

¹⁵ O *processo ordinário*, visando a beatificação do padre Roque, foi instaurado em 1629 em Buenos Aires, em 1630 em Corrientes e em 1631 em Candelária del Caazapaminí. Consta nestes documentos uma relação dos interrogatórios, seguidos dos depoimentos de vinte e dois testemunhos, oculares ou conhecedores imediatos dos acontecimentos. O processo pode ser lido com a sua ortografia original graças ao inestimável esforço do padre Blanco. São 850 páginas só de testemunhos oculares do “martírio”. Todo esse material, além das cartas e da historiografia jesuítica, facilitou muito a elaboração das hagiografias sobre Roque González. José María Blanco, que teve acesso à totalidade do processo, publicou no livro *Historia Documentada*, de 1929, quase na íntegra a documentação, levantada para o processo de beatificação. O livro, infelizmente, é bastante desconhecido e raramente citado pelos historiadores (BLANCO, 1929). Além do processo ordinário, Blanco reuniu também um extraordinário conjunto de documentos, do século XVII ao século XX, referente ao padre Roque e seus companheiros. São documentos internos da Companhia, cartas e relatórios sobre a vida e a morte dos padres, documentos de diversas autoridades coloniais (Governador, Vice-rei, Cabildo) e diversos documentos referentes ao processo de beatificação dos mártires (atas, pareceres médicos). O valioso trabalho do padre Blanco é de grande conforto para os historiadores, pois muitos destes documentos são hoje de difícil acesso ou se encontram espalhados em diversos arquivos em vários países.

¹⁶ Gonzaga Jaeger foi um historiador jesuíta, membro do IHGRGS, apologista da obra missionária da Companhia de Jesus e hagiógrafo do padre Roque (OLIVEIRA, 2015).

volverá a ayudarlos, que muchos trabajos os han de venir por ocasión de mi muerte” (BLANCO, 1929, p. 464)¹⁷. Os depoimentos foram aceitos pelos padres, que se apressaram em declarar o “milagre” e instaurar os processos. Mais do que simplesmente aceitar a versão dos índios, os padres mantiveram contato com a relíquia: Vázquez Trujillo, Provincial da Província Jesuítica do Paraguai, segurou o coração na mão, na igreja de Concepción, e Juan Bautista Ferrufino, Procurador Geral do Paraguai, o levou a Roma (BLANCO, 1929).

A segunda “maravilha” foi a súbita putrefação das mãos dos principais autores das mortes, que por isso foram logo descobertos. A terceira ocorreu durante o ataque dos índios rebeldes do Pirapó contra os de São Nicolau. Os índios tentaram atear fogo na palha seca do telhado da igreja que, “milagrosamente”, não incendiou (BLANCO, 1929, p. 500). A quarta, como pretendem alguns companheiros de Roque, foi o castigo imposto aos matadores dos padres pelos espanhóis. Padre Romero referiu-se a esse episódio da seguinte maneira: “Solo resta ahora decir a V.S. el manifiesto castigo con que Nuestro Señor há castigado a los matadores a los santos Padres” (...) BLANCO, 1929, p. 475). Os “matadores” dos padres, depois de encarniçados combates, foram presos e levados para Candelária. Depois de interrogados, os líderes da revolta foram enforcados e flechados a mando do capitão Manuel Cabral. Segundo Pedro Romero, todos:

los ahorcados murieron muy bien habiéndolos bautizado primero conriendas de salvación (...) fuera de un cacique llamado Caburé que murió pertinaz”. Ñezú e “Potiraba, famoso bellaco compañero de Ñezú y causante de la muerte do los santos, (...) se escaparon y se fueron el Uruguay arriba a las tierras de sus parientes y amigos (BLANCO, 1929, p. 478).

Todas estas manifestações foram registradas no calor da hora, nos dias e meses que seguiram à morte do padre Roque. As cartas tinham também uma clara intenção de

¹⁷ Dois meses depois das mortes de Roque González e seus companheiros os padres Diego de Boroa, Pedro Romero, Vázquez Trujillo e Juan Bautista Ferrufino, que ocupavam funções destacadas na Companhia de Jesus na Província Jesuítica do Paraguai, escreveram cartas/relatórios aos seus superiores e ao Rei informando sobre as mortes. Os relatórios foram escritos, em grande medida, com base nas informações recolhidas dos testemunhos indígenas que presenciaram as mortes. Os documentos originais encontram-se no Arquivo Nacional de Buenos Aires. José María Blanco, por ocasião das celebrações do tricentenário da morte do padre Roque, em 1928/29, lançou o livro *História Documentada*, e publicou, na forma de anexo documental, as cartas dos padres e os testemunhos indígenas.

registrar tudo num tom hagiográfico já tendo em vista a santificação. Os esforços pela canonização se iniciaram menos de cinco meses após sua morte. O fato salta aos olhos se considerarmos que em outras situações os processos levavam anos para serem instaurados. As investigações sobre Inácio de Loyola, por exemplo, foram instauradas trinta e nove anos após sua morte. Uma resposta plausível para a rapidez dos processos pode ser encontrada na popularidade e no enorme prestígio que Roque gozava entre os jesuítas que atuavam no Paraguai. Acrescenta-se a isso, as circunstâncias da morte e os “milagres” supostamente ocorridos nos dias que se seguiram a sua morte (OLIVEIRA, 2014).

Além dessas primeiras manifestações sobrenaturais registradas logo após as mortes, foram registrados diversos casos de curas no século XX atribuídos a Roque González. Todos os “milagres” registrados foram casos de curas milagrosas. Esse tipo de milagre ocorre desde os tempos dos primeiros mártires católicos e se explica, em parte, pelas curas de doenças e debilidades físicas atribuídas a Jesus. A diferença entre as curas milagrosas dos primeiros tempos do cristianismo e as mais contemporâneas são as exigências de documentação dos milagres e o reconhecimento da ciência médica (WOODWARD, 1992, p. 187).

Todos os registros de milagres ocorridos no século XX, e descritos a seguir, foram extraídos da obra de Gonzaga Jaeger. Não encontramos até o momento fontes alternativas e significativas que possam nos oferecer ângulos diferentes para as curas milagrosas. Todavia, o que nos interessa, neste momento, são os contextos devocionais nos quais os casos teriam ocorrido e o modo como foram registrados pelo historiador e hagiógrafo.

Em 1928, ano dos festejos do tricentenário da morte de Roque, um jovem “desenganado pelos médicos” que vivia no delta do Paraná foi curado de gravíssima epilepsia cardíaca após rezar uma novena ao padre Roque. Em Mendoza, na Argentina, uma irmã da Companhia de Maria achava-se presa à cama com os pulmões comprometidos pela tuberculose. Depois de recorrer sem sucesso à medicina, foi curada após fervorosas novenas aos três mártires. No mesmo ano, em Buenos Aires, Rosa Rébori, de 80 anos, foi curada de um câncer no estômago, diagnosticado como incurável, que impossibilitava a digestão. Rosa ganhou de um amigo uma relíquia do padre Roque e a encostou nas partes mais dolorosas. Em pouco tempo já estava se alimentando e conseguindo levantar-se da cama. Os médicos declararam a melhora um verdadeiro prodígio (JAEGER, 1940, p. 336-351).

Chama a atenção que os três casos ocorreram na véspera ou no ano da celebração dos trezentos anos do “martírio” e da retomada da campanha em prol da beatificação, momento em que o nome do padre Roque estava em grande evidência na

região onde as curas foram registradas. Depois dos milagres apontados pelos companheiros do padre Roque no final de 1628 e no começo de 1629, nenhum caso foi registrado até 1928. Foram 300 anos sem nenhuma ocorrência. E os jesuítas não eram desatentos para estas manifestações. Qualquer cura milagrosa ou evento sobrenatural ligado à figura de Roque não passaria despercebido da Companhia de Jesus. Subitamente, no contexto da celebração do tricentenário da morte de Roque González, os milagres começaram a aparecer no Rio Grande do Brasil e na Argentina. Associamos as curas milagrosas ocorridas antes da beatificação, em 1934, à intensa mobilização para os festejos, à propaganda e aos efeitos devocionais do coração itinerante, que percorreu diversas cidades no Rio Grande do Sul. Sugerimos que a mobilização e seus os efeitos na devoção popular criaram um ambiente propício e estimulante para a ocorrência dos milagres. O tricentenário e a retomada da causa da beatificação foram acontecimentos marcados por, segundo Blanco (1929) “festejos solenes”, precedidos de uma “intensa propaganda que diera conocimiento al pueblo del tesoro que había recibido y de los acontecimientos históricos que aquilataban la prodigiosa reliquia”. Organizou-se nos quatro países uma impressionante e bem articulada campanha de propaganda que envolvia dezenas de revistas, jornais e milhares de folhetos, na forma de “reseñas históricas”, distribuídos nas “casas religiosas”, nos “colegios católicos, aos párrocos e Obispos” da Argentina, Uruguai e Paraguai. “Todos esos elementos de propaganda, informa Blanco, se pusieron en circulación”¹⁸. Criou-se uma “Comisión de Festejos” que preparou também uma “nota” que foi enviada aos bispos do Uruguai e Paraguai solicitando sua divulgação nas dioceses. Na “nota”, ficam ainda mais claro os apelos de divulgação da campanha:

Para ello la Comisión que presido, organiza una solemne velada literaria, cuyo programa enviamos a V.S.I. en torno a la cual procuraremos intensificar la difusión de la noticia de esos grandes hechos históricos en folletos, conferencias, artículos en los grandes periódicos y revistas, lectura de disertaciones por radio, coronando todos estos trabajos con

¹⁸ Alguns números ajudam a dimensionar a máquina de propaganda católica em ação. “Para conseguir la difusión de la realidad histórica se imprimieron diez mil ejemplares de La Vuelta de un Corazón, otros diez mil ejemplares de un folleto intitulado Los Tres Primeros Mártires de la Diócesis de Buenos Aires, añadiendo luego otros siete mil quinientos destinados al Uruguai y Paraguay. A estas reseñas históricas bien documentadas se añadió la impresión de treinta mil novenas a la Santísima Trinidad, encabezadas por un resumen de los acontecimientos que llevaron a los Padres (...) a la corona del martirio” (BLANCO, 1929, p. 318). Infelizmente não dispomos de informações sobre a propaganda realizada no Rio Grande do Sul

la publicación de una obra documental, que contenga no solo los antiguos procesos sino también cuanto se há hallado en los archivos [...]. (BLANCO, 1929, p. 320)

Foi neste ambiente celebrativo e de intensa publicização em torno do nome do candidato à Beato que a famosa relíquia, o coração, retornou à região. O padre Geral da Companhia Wlodimiro Ledóchowski, atendendo aos apelos da Comissão do tricentenário, devolveu o coração “aos jesuítas Rio-platenses” (RABUSKE, 1978). A propaganda em torno desse extraordinário acontecimento, como nos conta o padre Blanco, foi intensa:

y las revistas El Salvador, de Buenos Aires y La Inmaculada, de Santa Fe, habían escrito artículos bien documentados sobre la vuelta del corazón del Padre Roque González de Santa Cruz. Estos trabajos de propaganda se intensificaron (...) (BLANCO, p. 318).

Não é difícil imaginar os efeitos do retorno do coração e da divulgação de todo este material propagandístico sobre a devoção popular. Depois da beatificação, em 1934, último passo antes da canonização, e da construção do Santuário de Caaró, na cidade de Caibaté, a fama do Beato Roque cresceu ainda mais e arrebatou multidões de fiéis. A proclamação da beatificação autorizava o culto diocesano, e foi a partir daí que foram organizadas as primeiras romarias à Caaró, se institui a devoção popular e o dia do “martírio” passou a fazer parte do calendário litúrgico dos quatro países da América do Sul (OLIVEIRA, 2015). O santuário foi erguido numa elevação de terreno que, segundo deduções do padre Jaeger, teria sido a base da antiga redução de Todos Os Santos de Caaró, onde o padre Roque foi morto¹⁹. A descoberta do lugar do martírio, em 1933, deu início à construção e organização de um espaço de devoção²⁰. Desde então a igreja católica reconhece e autoriza o culto local. Na tradição católica, os lugares onde os santos tombaram em nome da fé tornaram-se centros de peregrinação. Igrejas foram erguidas

¹⁹ A existência de um santuário é uma das exigências para a canonização. Em 1928, às vésperas do tricentenário faltava ao candidato a beato a fixação de um espaço que identificasse fisicamente o lugar do “martírio” e catalisasse a devoção.

²⁰ Segundo Gonzaga Jaeger, em 1935 “a província brasileira do Sul, da Companhia de Jesus adquiriu por comprou 2 hectares e meio de terra, aos quais o sr. Horácio Pinheiro de Menezes acrescentou generosamente mais um e meio hectar, no lugar preciso do martírio, onde em 15 de novembro do ano de 1936, foi colocada a pedra angular de uma modesta capela, inaugurada solenemente em 1937”. (JAEGER, 1940, 306).

para abrigar as relíquias, as referências ao santo e celebrá-lo apropriadamente (WOODWARD, 1992). A construção do santuário foi um passo importante para colocar o nome de Roque no cânon, a lista dos santos. Em Caaró, a capela, de dimensões modestas, em estilo colonial, foi construída em 1936. Em 1992 passou por uma reforma que ampliou suas dimensões, transformando-se na igreja-santuário. O santuário é pequeno, com poucas edificações, mas de grandes dimensões simbólicas. Obeliscos e imagens preenchem o lugar. O interior da igreja abriga símbolos e imagens ligados à figura do padre Roque. À direita do altar, conserva-se uma relíquia incrustada numa cruz missioneira. A relíquia é um pedaço de tecido que tocou o coração do santo (OLIVEIRA, 2010).

A beatificação e a construção do santuário potencializaram a fé e estimularam a ocorrência de um número maior de milagres nas décadas de 1930 e 1940. Gonzaga Jaeger reconheceu, ao seu modo, que antes da beatificação “ainda não haviam começado a popularizar-se entre os fiéis as obras e virtudes desses servos de Deus” (JAEGER, 1940, p. 336). A popularização cresceu muito depois de 1934, e com ela apareceram novos casos de curas milagrosas. No Rio Grande do Sul, onde supostamente Roque teria sido “martirizado”, foi registrado um maior número de casos de curas. Gonzaga Jaeger, do alto do seu prodigioso ufanismo e ativismo em prol da causa da beatificação, atribuiu isso a dois fatores: “no Rio Grande do Sul, porém, as graças têm chovido mais copiosamente, seja pela maior devoção do povo a seus santos, seja pela predileção dos beatos por esta terra, que enobreceram com seus trabalhos e santificaram com seu sangue” (JAEGER, 1940, p. 338. Grifo nosso). Jaeger foi hábil na apropriação do passado jesuítico e um dos precursores da construção da identidade missioneira na região.

O primeiro caso aconteceu, não por coincidência, no dia da beatificação do padre Roque, 28 de janeiro de 1934, envolvendo uma Irmã, da cidade de Cachoeira, que estava com uma lesão na vista. Ela consultou os melhores especialistas, fez vários tratamentos com injeções no globo ocular, mas não conseguiu os resultados esperados. Por conta de complicações, teve que suspender o tratamento. Um irmão da doente, que era jesuíta e participava da causa de beatificação, convidou-a para uma novena em “honra dos três mártires”, que estavam na iminência de serem beatificados. As irmãs religiosas de Cachoeira e amigos juntaram-se numa fervorosa corrente de orações, e todas as noites, durante as novenas, a Irmã atava a relíquia do padre Roque, um pedacinho de seda que estivera em contato com o coração, sobre o olho doente. As novenas começaram 9 dias antes da beatificação, e durante esse tempo a irmã não examinou o olho, pois decidira fazê-lo só no dia 28. De acordo com o registro que a própria Irmã deixou:

Na noite de sábado para domingo, notei algo de estranho depois que coloquei a relíquia, pois sentia uma leve pressão e depois uma fraca dor, semelhante à que sentia quando recebia injeção na vista. Como o lenço que segurava a relíquia não tinha sido mais desatado, achei isso estranho, porque não devia apertar mais que nos outros dias por estar na mesma largura. No dia 28, domingo, fui assistir à missa na matriz, que se rezava em honra dos beatos mártires e o sermão versava sobre a vida e virtudes dos santos, especialmente do p. Roque (JAEGER, 1940, p. 341).

Na volta da missa, a Irmã retirou a relíquia e o “defeito na visão havia desaparecido”. A cura milagrosa da irmã está diretamente ligada aos apelos e a mobilização em prol da beatificação. O caso foi narrado por Jaeger num tom hagiográfico e rico em detalhes porque a obra onde foi registrado, “Os heróis de Caaró e Pirapó”, foi escrita em 1940 tendo em vista a causa da canonização, iniciada formalmente em 1978²¹ (OLIVEIRA, 2015). Jaeger se antecipava e prestava a sua contribuição à causa.

Quatro anos depois outro caso milagroso aconteceu, desta vez em São Sebastião do Caí. Uma senhora de 61 anos foi internada com pneumonia dupla, “agravada por disenteria e por grande fraqueza do coração”. Depois de examinar a paciente, extrair 315 gramas de água de um dos pulmões, o médico reuniu a família e expôs a gravidade da situação. Dois dias depois a enfermeira comunicou à família que a senhora não passaria daquela noite. Entra em cena, então, a irmã que fora curada do olho quatro anos antes, e que estava no hospital de São Sebastião para descansar. A irmã, que era irmã biológica da nora da doente, ofereceu-se para passar um turno da noite em vigília com a enferma. Depois de rezar e pedir aos mártires que restituíssem a saúde àquela senhora, prometeu mandar rezar nove missas. “Na manhã seguinte, conta-nos a irmã, logo que me foi possível perguntar à enfermeira se a doente ainda estava viva, tive a surpreendente resposta: ‘Que, viva? Ela está muito melhor! está bem esperta!’” Quando o médico apareceu para retirar água do outro pulmão, encontrou pequena quantidade que daria para encher apenas uma “colherzinha de chá”. A irmã afirmou que foram os mártires que tiraram a água, atendendo ao seu pedido. Celebraram-se as nove missas e a nora,

²¹ Por isso me atenho aos detalhes descritivos/narrativos deste e dos casos a seguir. Jaeger os descreve didaticamente para convencer os leitores, leigos e especialistas, de que se trata de fato de uma intervenção milagrosa do Beato.

profundamente grata aos mártires, deu uma “espórtula em benefício da capela de Caaró” (JAEGER, 1940)²².

O caso mais conhecido de cura foi o de Maria Catarina Stein, ocorrido no Rio Grande do Sul, em 1940. Maria sofria de câncer e estava desenganada pelos médicos. Perdia muito sangue por um orifício aberto na altura do esôfago, por onde introduzia uma sonda. Quando o marido soube que o coração do “Bem-aventurado Roque González” estaria na cidade de Serro Azul, correu para lá em busca de uma graça. Maria despediu-se do marido certa de que não o veria novamente, conta-nos Jaeger, pois sentia que o fim estava próximo. O marido, contudo, foi ao encontro do coração e se prostrou de joelhos diante da relíquia, rezando com muita fé. Ao retornar para casa, encontrou a esposa “feliz e cheia de vida”. O orifício havia desaparecido e a doença estava curada. Maria, que estava com 50 anos, viveu por mais 28 anos²³. Segundo o padre Kreutz, “Tudo isso foi devidamente atestado por testemunhas oculares, mediante prestação de juramento” (KREUTZ, 2001, p. 71-72)²⁴.

Estes casos registrados nos anos que se seguiram à beatificação estão mais imediatamente relacionados ao reconhecimento da beatitude de Roque pelo Vaticano e foram reunidos por Jaeger no interior de uma narrativa destinada à santificação. É significativo que nas hagiografias dos historiadores jesuítas Carlos Teschauer e José Maria Blanco dedicadas ao padre Roque (OLIVEIRA, 2010), publicadas respectivamente em 1909 e em 1929, não são mencionados casos de curas milagrosas. Não são mencionados não por descuido ou desinformação, mas porque os “milagres” só começaram a aparecer por volta de 1928. Determinadas épocas são mais propícias aos apelos ao sobrenatural. Em tempos de calamidades as buscas pelo auxílio dos santos se multiplicam. Igualmente, acrescento, esses apelos crescem em tempos de fervor religioso motivado por algum tipo de celebração ou expectativa gerada pelo reconhecimento de algum santo local. O período no qual foram registrados os milagres de Roque González foi marcado, como vimos, pelos festejos do tricentenário do “martírio” e por intensa mobilização e propaganda nas comunidades católicas da América do Sul em prol da beatificação.

Datas comemorativas são eventos marcantes, e a Companhia de Jesus sempre foi hábil para transformá-las em momentos de exaltação dos seus “mártires” e de renovação da fé. Comemorar é um movimento de retorno ao passado para trazê-lo à

²² Outros dois casos, um em Caxias e o outro em São Leopoldo foram registrados e creditados a Roque González (JAEGER, 1940, p. 344-351).

²³ A cura de Maria Stein, reconhecida em maio de 1988 por João Paulo II, foi decisiva para a canonização de Roque González e seus companheiros (OLIVEIRA, 2014).

memória. É lembrar com, é tornar presente, ou reatualizar algum evento significativo que se deseja reviver. Como o presente não é fixo, e suas demandas se renovam, os eventos do passado são sempre recriados a cada comemoração. Estas ocasiões, especialmente as celebrativas, são marcadas por festividades, solenidades públicas, demonstrações de fé, seminários, e pela publicação de obras literárias, historiográficas e hagiográficas. Produz-se, em tempos de comemoração, um conhecimento sobre o passado para fins de consumo coletivo e mobilização em torno de algum acontecimento. O tricentenário da morte de Roque González trouxe à memória, por meio da história²⁴, o que estava esquecido. O silêncio e o esquecimento apagaram os rastros e os “milagres” de Roque no tempo por quase trezentos anos. As celebrações do tricentenário e a retomada da causa da beatificação ou, a “reapropriação do passado histórico por uma memória instruída pela história” (RICOUER, 2016), reavivou a memória, reativou a fé e mobilizou uma comunidade religiosa que respondeu aos apelos acolhendo o padre Roque no íntimo de sua devoção.

Não por acaso os “milagres” ocorreram na região de maior divulgação da causa e de intensas e prolongadas celebrações. Neste contexto de forte mobilização religiosa, a devoção, as demonstrações de fé e os apelos pela intercessão do santo se intensificaram, criando um ambiente favorável à ocorrência de “milagres” e à agilização dos processos de beatificação e canonização. Os milagres atribuídos à madre Paulina reforçam esta ideia. A mobilização em prol da beatificação da madre iniciou-se em 1965, e o primeiro milagre ocorreu em 1966. O milagre foi oficialmente reconhecido em 1989. Em 1991 madre paulina foi beatificada. Em 1992 ocorreu o segundo milagre, uma exigência para a canonização. E em 2002, madre Paulina foi canonizada por João Paulo II. O mesmo pode ser dito em relação a frei Galvão. O processo de beatificação foi instaurado em 1938, 116 anos após sua morte. Em 1986 o processo foi reaberto pela irmã Célia, que trabalhava na causa de madre Paulina. O primeiro milagre aconteceu em 1990. Em 1998, depois de oficialmente reconhecido esse milagre, frei Galvão foi beatificado. O segundo milagre ocorreu em 1999. Em 2006, Bento XVI reconheceu o milagre e Frei Galvão foi

²⁴ Em 1985 foi instaurado um processo na Diocese de Santo Ângelo a fim de examinar mais detidamente a prodigiosa cura de Maria Stein. O processo foi enviado a Roma e foi decisivo para a canonização do padre Roque em 1988.

²⁵ A memória é uma das matrizes da história. É a única guardiã de algo que “efetivamente ocorreu no tempo” (RICOUER, 2007). Foi por meio de hagiografias históricas, como a História Documentada, do padre José María Blanco, Os Heróis de Caaró, de Luiz Gonzaga Jaeger, e da historiografia jesuítica, que a memória do padre Roque se manteve viva, mesmo depois de três séculos, com um amplo registro documentado de suas atividades, vida e morte, e pode ser acionada às vésperas do tricentenário.

canonizado (SANTUÁRIO SANTA PAULINA; SAOFREIGALVAO.COM). Nos três casos – de Roque, Paulina e Galvão – a sensibilização da comunidade religiosa, habilmente mobilizada pelos postuladores das causas por meio de eventos, publicações, pela circulação de relíquias e pela fundação de Santuários, estimulou a devoção popular e os apelos pela intercessão dos candidatos a santo.

Considerações Finais

Salta aos olhos que todos os milagres mencionados foram registrados em dois momentos significativos para a santificação do padre Roque, no século XVII e no século XX. Os primeiros milagres identificados pelos jesuítas que atuavam com o padre Roque no Paraguai teriam ocorrido no dia e nos dias subsequentes à sua morte. Depois disso, nenhum registro. Trezentos anos se passaram sem que um único milagre fosse registrado. Em 1928, às vésperas da beatificação, quando a causa foi retomada com entusiasmo na região onde o padre Roque viveu e morreu, uma nova onda de milagres voltou a ser registrada. Depois, na década de 1930 e na década de 1940, depois da beatificação (1934), da construção do santuário e já apontando para a causa de santificação, novos milagres foram reconhecidos na região.

A Companhia de Jesus sempre zelou e cuidou do seu passado, cultuou seus mártires e conservou suas relíquias sagradas. Para onde foi, levou os restos dos seus próprios santos, construiu seu próprio território e ampliou os domínios do território católico. O passado, celebrado e citado em toda ocasião e rememorado com profundo orgulho no imenso calendário comemorativo, parece ser mesmo o grande relicário da Companhia.

Roque González, o missionário de Assunção que tombou enquanto pregava o evangelho para os guaranis do Pirapó, foi o primeiro “mártir” da América espanhola a ser beatificado. Embora alguns milagres, ocorridos imediatamente após sua morte, tenham impulsionado o processo de canonização, foi no contexto da beatificação, na década de 1930, que uma sucessão de milagres associados às relíquias veio a público. As diversas curas conferiram popularidade ao padre Roque que, até então, não havia despertado a piedade popular e caído nas graças dos fiéis.

A canonização conferiu enorme popularidade ao Santo Roque e as curas milagrosas atribuídas à sua intervenção multiplicaram-se. Atualmente a devoção mobiliza multidões nas peregrinações e romarias espalhadas pela região missioneira. Na igreja de Caaró, construção central do complexo turístico-religioso denominado santuário de Caaró, que todos os anos recebe multidões de fiéis e devotos na romaria do dia 15 de novembro, do lado direito do altar, uma réplica do relicário de prata que guarda o coração do santo Roque exibe uma relíquia: um pedaço de tecido que teria tocado o

coração do santo. Nos fundos da igreja, o terreno declina até a famosa fonte de Caaró. A fonte de águas milagrosas teria sido abençoada pelo padre Roque, quando da fundação da redução. Para melhor atender aos visitantes, construiu-se em torno da fonte natural uma pequena construção com torneiras que facilitam recolher a água santa. No sermão o pároco informa que a água é considerada milagrosa, e que pessoas de várias partes do Brasil vêm buscá-la para determinadas finalidades. No portal turístico Rota Missões, no espaço reservado à Caaró, somos informados que: “Aqui são recebidas milhares de pessoas em romarias e peregrinações, que buscam a água reconhecida como milagrosa”. O coração do santo Roque encontra-se na Capela dos Mártires do Colégio Cristo Rei, em Assunção, sob os cuidados dos jesuítas paraguaios, onde é venerado como relíquia. Em datas comemorativas e em eventos religiosos como as romarias, é levado em peregrinação e percorre, acompanhado por multidões de devotos, os principais locais de culto do território alcançado pelos trabalhos apostólicos do missionário Roque González.

Referências

- DICIONÁRIO AURÉLIO. 6ª edição revisada e atualizada. Curitiba: Editora Positivo, 2005.
- BLANCO, José Maria. *História documentada de la vida y gloriosa muerte de los padres Roque González de Santa Cruz, Alonso Rodríguez y Juan Del Castillo de la Compañía de Jesús Mártires del Caaró e Yjubí*. Buenos Aires: Sebastián de Amorrortu, 1929.
- CYMBALISTA, Rogério. Relíquias sagradas e a construção do território cristão na Idade Média. São Paulo: *Anais do Museu Paulista: História e cultura material*. 14 (2): jul/dez. 2006.
- CONCÍLIO DE TRENTO, 1545-1563. *O sacrosanto, e ecumenico Concilio de Trento em latim e portuguez* / dedica e consagra, aos... Arcebispos e Bispos da Igreja Lusitana, João Baptista Reycond. - Lisboa: na Off. de Francisco Luiz Ameno, 1781. - 2 v, 16 cm <http://purl.pt/360>.
- DELUMEAU, Jean. *Nascimento e afirmação da reforma*. São Paulo: Pioneira, 1989.
- JAEGER, Luiz Gonzaga. *Os heróis do Caaró e Pirapó*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1940. 365 p.
- KARNAL, Leandro. *Teatro da fé: representação religiosa no Brasil e no México do século XVI*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- KREUTZ, Estanislau. *Santos mártires das missões*. Santo Ângelo: Gráfica e Editora Berthier, 2001.
- LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: *Enciclopédia Einaudi*. Memória-história. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996.

MAEDER, Ernesto. *Cartas Anuas de la Provincia Jesuítica del Paraguay (1637-1639)*.

Resistência, Chaco: Instituto de Investigaciones Geohistoricas/ Conicet, 1984.

O’GORMAN, Edmundo. *A invenção da América*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

OLIVEIRA, Paulo Rogério Melo de. *O encontro entre os guarani e os jesuítas na Província do Paraguai e o glorioso martírio do venerável padre Roque González nas terras de Ñezú*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PPGH-ÚFRGS, 2010.

_____. A rebelião de Ñezú: em defesa de “su antigo modo de vida” (Pirapó, Província Jesuítica do Paraguai, 1628). *Revista Anos 90*, 18 (34): 110 -138.

_____. O “martírio” e o processo de canonização do padre Roque González de Santa Cruz. *Revista Latino-Americana de História*, 3, (12), 2014.

_____. Clio na Companhia de Jesus: notas sobre a historiografia jesuítica das reduções do Paraguai. *Revista de teoria da história*. Ano 7, Volume 14, Número 2, 2015.

_____. Padre Roque González: entre a história e a hagiografia. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano VIII, n. 23, 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAIBATÉ. Disponível em: <https://www.caibate.rs.gov.br/site/turismo#>. Acessado em: 16 de set de 2022.

RABUSKE, Arthur. A Carta-Magna das reduções do Paraguai. In: *Estudos Leopoldenses*. Ano XIII, Vol. 14, N 47, 1978.

_____. Roque González de Santa Cruz, o missionário-mártir e a autenticidade da relíquia de seu coração. *Estudos Leopoldenses*. Ano XIII, Vol. 14, N 47, 1978.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMPI, 2007.

SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo dos; SAULO, Felin. O BEATO, A PADROEIRA, A RELÍQUIA E O MILAGRE: A comunidade de Três Mártires na teia de relações católicas na Diocese de Santa Maria na década de 1940. XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS: ensino, direitos e democracia. Santa Cruz do Sul. *Anais Eletrônicos*, 2016.

SANTUÁRIO SANTA PAULINA. Disponível em:

<https://santuariosantapaulina.org.br/sobresantapaulina/>. Acesso em 10 de jun. 2022.

SÃOFREIGALVAO.COM. Disponível em: <https://www.saofreigalvao.com/>. Acesso em: 12 de jun. 2022.

TECHO, Nicolás Del. *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*. In: Biblioteca Virtual del Paraguay. Libro octavo, Capítulo XXXIII.

WOODWARD, Kenneth. *Fábrica de Santos*. São Paulo: Editora Siciliano, 1990.

WRIGHT, Jonathan. *Os jesuítas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.